Esta obra está sob o direito de Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

TEOPOÉTICA – DEUS HABITA NAS ENTRELINHAS?

Antonio Mélo de Almeida

RESUMO

Este artigo busca investigar a teopoética como lugar de encontro entre fé, linguagem e mistério, tendo como eixo a indagação: **Deus habita nas entrelinhas?.** A partir do diálogo entre teologia, literatura e filosofia, a pesquisa propõe compreender a teopoética não apenas como expressão estética do sagrado, mas como *espiritualidade da linguagem*, onde o divino se manifesta no silêncio, no não-dito e na potência criadora da palavra. A partir de autores como Bingemer (2013), Paschoalini (2019), Cantarela (2018), Tillich (2005), Nunes (1989) e Clarice Lispector, entre outros, o estudo reflete sobre a experiência apofática do mistério e sua relação com a criação poética. O artigo pretende demonstrar que a teopoética ultrapassa a fronteira entre discurso racional e linguagem simbólica, instaurando um espaço de revelação e escuta, onde o verbo humano se torna morada do Inefável.

Palavras-chave: Teopoética; Linguagem; Mistério; Silêncio; Espiritualidade.

1 INTRODUÇÃO

A teopoética surge como um campo de intersecção entre teologia e poesia, onde o discurso sobre Deus se transforma em experiência estética, simbólica e existencial. O presente artigo parte da inquietação fundamental que acompanha a experiência da fé: **como falar de Deus quando o próprio mistério resiste à linguagem?** Essa pergunta revela o coração do problema teopoético: o tensionamento entre o dizer e o indizível, entre o desejo humano de nomear o sagrado e a impossibilidade de capturá-lo em palavras.

A partir dessa questão central, a pesquisa busca compreender **como a linguagem poética pode tornar-se lugar teológico,** não como discurso dogmático, mas como gesto espiritual de abertura ao mistério. Nessa perspectiva, a teopoética apresenta-se como *espiritualidade da linguagem*, um modo de escutar e acolher a presença divina nas frestas do verbo, nas metáforas que insinuam o infinito e no silêncio que sustenta toda palavra.

O problema de pesquisa consiste em compreender **de que modo a teopoética permite reconhecer o divino como presença viva na linguagem humana,** especialmente nos espaços do silêncio, da arte e da contemplação. Tal questão se justifica pela urgência contemporânea de redescobrir o sagrado fora dos sistemas fechados da razão instrumental, resgatando o valor da experiência simbólica e do mistério como fundamentos de uma espiritualidade integral.

O objetivo geral deste estudo é **analisar a teopoética como expressão de uma espiritualidade que se realiza no diálogo entre fé, arte e linguagem**, explorando sua dimensão apofática — o reconhecimento de que Deus se revela também através do não-dito. Entre os objetivos específicos, destacam-se:

a) aprofundar o conceito de teopoética à luz dos autores contemporâneos;
b) compreender a teologia negativa como chave hermenêutica para a linguagem do sagrado;
c) evidenciar a prática teopoética como forma de espiritualidade cotidiana e criadora.

Assim, este artigo se estrutura em três movimentos: o primeiro apresenta os fundamentos teóricos da teopoética e suas principais abordagens; o segundo desenvolve a relação entre teologia apofática e linguagem simbólica, especialmente na leitura de Clarice Lispector e na reflexão de Nunes (1989); e o terceiro propõe uma discussão sobre a teopoética como *espiritualidade da linguagem*, culminando em uma conclusão

que reafirma o verbo poético como espaço de revelação e encontro com o mistério.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 A TEOPOÉTICA COMO LUGAR DE ENCONTRO ENTRE FÉ E LINGUAGEM

A teopoética, conforme define Bingemer (2013), não é uma nova disciplina teológica, mas um modo de pensar e viver a experiência de Deus a partir da arte, do símbolo e da palavra criadora. Trata-se de um território onde o discurso teológico se encontra com a sensibilidade poética, revelando o mistério divino não como conceito, mas como presença que se manifesta na própria estrutura do verbo humano. Segundo Paschoalini (2019), a teopoética se situa "na fronteira entre o indizível e o dizível", operando como mediação estética que restitui à teologia sua dimensão de encantamento e mistério.

Essa abordagem reconhece que toda linguagem sobre Deus é, por natureza, insuficiente. O sagrado, como lembra Tillich (2005), é o "fundamento do ser", anterior à toda nomeação. A palavra humana, quando busca dizer o divino, não o define — apenas o evoca, o invoca, o celebra. A teopoética, nesse sentido, é o gesto do homem que, diante do silêncio do mistério, responde com o canto, a metáfora e a imagem, sabendo que o essencial não se encerra na definição, mas se revela no movimento entre o som e o silêncio.

Bingemer (2013) destaca que, na teopoética, a experiência de Deus é traduzida pela linguagem simbólica, que "diz sem dizer", abrindo espaço para o indizível. Essa dinâmica recorda a noção de "teologia negativa" — o reconhecimento de que todo discurso sobre Deus é sempre insuficiente, pois Ele excede toda forma. Assim, o poeta e o místico tornam-se companheiros de viagem do teólogo, ambos atentos ao modo como o mistério se esconde e se revela na palavra, no gesto e no silêncio.

A teopoética se torna, portanto, um método e uma atitude: o modo de ver a linguagem não como instrumento, mas como espaço de revelação. É o reconhecimento de que Deus pode habitar as entrelinhas, os intervalos, os fragmentos de sentido. Nas palavras de Cantarela (2018), trata-se de "um retorno ao espanto primordial", onde a palavra não explica, mas reencanta o mundo. A experiência teopoética desloca a teologia de seu lugar dogmático para um horizonte existencial, em que o conhecimento de Deus se dá por meio da experiência estética e simbólica.

2.2 A TEOLOGIA APOFÁTICA E O SILÊNCIO COMO MORADA DO INEFÁVEL

O conceito de *teologia negativa* — também chamada de apofática — é essencial para compreender a profundidade

da teopoética. Na tradição cristã, especialmente em autores como Pseudo-Dionísio Areopagita, essa teologia reconhece que Deus é mais bem conhecido na medida em que é reconhecida a impossibilidade de conhecê-lo plenamente. Em outras palavras, quanto mais o ser humano tenta nomear Deus, mais Ele se retira no mistério do silêncio.

Segundo Tillich (2005), "a linguagem religiosa não descreve, mas participa". Assim, o discurso sobre Deus é um gesto simbólico, uma abertura do ser humano para o transcendente. Clarice Lispector, em sua escrita profundamente espiritual, também encarna essa dinâmica apofática. Em *A paixão segundo G.H.*, a autora conduz o leitor a um mergulho no vazio, no indizível e na experiência-limite do ser, que reflete a mesma impossibilidade de nomear o Absoluto. Nunes (1989), ao interpretar Clarice, define esse movimento como o "drama da linguagem": o lugar onde o dizer toca o limite do silêncio e o verbo se converte em contemplação.

A teologia apofática encontra, na literatura clariciana, uma expressão poética singular. O silêncio, longe de ser ausência, é presença pura — um modo de falar de Deus através do não-dito. A personagem G.H., ao confrontar o "vazio" e o "nada", encontra ali um Deus que não cabe em palavras, mas se manifesta na experiência radical do ser. Assim, Clarice traduz em literatura o que a teologia negativa expressa em doutrina: o mistério é presença que se dá no esvaziamento.

Paschoalini (2019) observa que a teopoética se aproxima da teologia negativa ao compreender o sagrado como experiência do *inominável*. Essa relação abre caminho para uma espiritualidade do silêncio, em que o "dizer menos" é, paradoxalmente, "dizer mais". Em tempos de excesso de discursos religiosos e banalização da palavra sagrada, a teopoética apofática resgata o valor da escuta, do recolhimento e da interioridade.

Essa perspectiva encontra eco em Bingemer (2013), que afirma: "O silêncio é o modo mais denso de dizer Deus". Nessa linha, a teopoética não pretende substituir o discurso teológico tradicional, mas aprofundá-lo, introduzindo nele uma dimensão contemplativa, onde o verbo é orante, e a palavra se torna sacramento da presença invisível.

2.3 A TEOPOÉTICA COMO ESPIRITUALIDADE DA LINGUAGEM

A espiritualidade da linguagem, como propõe a teopoética, é a arte de habitar a palavra como quem habita um templo. A palavra não é mera representação do real, mas mediação simbólica do divino. Assim como o místico habita o silêncio, o poeta habita o verbo, tornando-se guardião da

presença que se manifesta no som, na metáfora e na pausa.

Segundo Bingemer (2013), a teopoética devolve à teologia sua "dimensão estética", permitindo que a experiência religiosa volte a dialogar com a beleza, a arte e a imaginação. É nesse sentido que a espiritualidade da linguagem se revela: não como fuga do mundo, mas como presença intensificada. A palavra espiritual é aquela que cria, consola e transforma; é o sopro que anima o humano e o liga ao mistério da existência.

Em Clarice Lispector, essa espiritualidade se manifesta na intensidade do verbo e na busca do indizível. Em *Água viva*, a autora afirma: "Estou tentando captar o instante que passa, o sopro, o Deus". A teopoética, nesse sentido, é o exercício de capturar o sopro — de perceber Deus não como conceito, mas como experiência vivida na própria linguagem.

Paschoalini (2019) interpreta esse movimento como "teologia encarnada na palavra poética". Assim, o escritor, o teólogo e o leitor tornam-se peregrinos de um mesmo caminho espiritual: o de ouvir Deus nas entrelinhas da vida, nas sombras das palavras, nos silêncios do cotidiano.

A espiritualidade teopoética é, portanto, uma mística da palavra, onde o verbo se faz morada e revelação. É uma espiritualidade que convida à escuta e à comunhão — uma prática de presença. Quando Caetano Veloso canta, em "Milagres do Povo", que "cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é", ele traduz poeticamente a teologia do cotidiano, onde o humano e o divino se entrelaçam.

A teopoética, assim compreendida, não é apenas uma reflexão sobre a linguagem, mas um modo de viver e expressar a fé. É um itinerário espiritual em que a palavra se torna oração e a arte se torna teologia. Na experiência estética, o ser humano descobre o "sopro poético do sagrado", onde o verbo e o silêncio se encontram.

2.4 DISCUSSÃO: ENTRE O MISTÉRIO E O VERBO — A TENSÃO CRIATIVA DA TEOPOÉTICA

A teopoética, ao propor o encontro entre fé e linguagem, enfrenta inevitavelmente o desafio do indizível. Como expressar, por meio de palavras humanas, aquilo que por natureza excede toda forma de nomeação? Essa é a tensão central que atravessa tanto a tradição mística quanto a reflexão filosófico-teológica. Bingemer (2013) reconhece que a teologia e a literatura compartilham uma "afinidade constitutiva", pois ambas buscam dizer o mistério — uma pela via da fé, outra pela via da imaginação. Entretanto, o risco de ambas é o mesmo: a tentação de aprisionar o indizível em formas fixas.

Ao mesmo tempo que a teopoética devolve o encantamento à linguagem teológica, ela também se torna vulnerável ao subjetivismo. A fé poética, se descolada da comunidade interpretativa e da experiência eclesial, pode converter-se em mera estetização da fé — emoção sem compromisso. Essa é a advertência de Vaz (1986), quando afirma que a linguagem da fé deve manter-se "numa tensão crítica entre a transcendência e a imanência". A palavra poética não substitui o dogma, mas o ilumina; não o nega, mas o abre à experiência simbólica e existencial do mistério.

Marceneiro (1996), ao refletir sobre a *mística e a erótica*, oferece uma chave preciosa para compreender essa tensão. Para ele, o eros é o movimento da criatura em direção ao infinito, a busca amorosa que traduz o desejo de comunhão com o Absoluto. No entanto, esse eros deve ser purificado pela *ágape*, o amor oblativo que nasce da compaixão. A teopoética, portanto, não é apenas um exercício estético, mas um itinerário espiritual em que a linguagem se faz lugar de encontro com o Outro. A palavra poética torna-se espaço de relação, onde o divino e o humano se tocam, e a sensibilidade do corpo é elevada à experiência do Espírito.

Essa dinâmica está profundamente presente na mística de Simone Weil, analisada por Bingemer (2014). Weil viveu o paradoxo da presença ausente de Deus — uma espiritualidade marcada pela dor e pela compaixão. Sua "mística da atenção" consiste em despojar-se do próprio eu para tornar-se pura receptividade ao divino. Em sua leitura, Bingemer mostra que, em Weil, a linguagem não é veículo de posse, mas lugar de entrega. A palavra só se torna sagrada quando nasce da escuta. Essa é também a essência da teopoética: aprender a ouvir o silêncio onde Deus se pronuncia sem palavras.

Ricoeur, por sua vez, oferece o alicerce hermenêutico para compreender essa espiritualidade da linguagem. Conforme destaca Lorenzon (2000), a hermenêutica de Ricoeur mostra que o símbolo "dá que pensar" porque carrega sempre um duplo sentido — o literal e o transcendental. A teopoética opera exatamente nesse duplo registro: ela diz e não diz, vela e revela, une o humano e o divino. A palavra poética, então, não é mera figura, mas acontecimento de sentido; nela, Deus "habita as entrelinhas" porque o símbolo abre o real ao mistério.

É nesse horizonte que Clarice Lispector se torna uma aliada inesperada da teologia. Sua escrita, analisada por Nunes (1989), é o laboratório do indizível. Em *A paixão segundo G.H.*, a linguagem se desmorona diante da experiência do absoluto. O "drama da linguagem" clariciano é, ao mesmo tempo, teológico e

existencial: o verbo se quebra para deixar passar o silêncio de Deus. Em Clarice, o eu não fala de Deus, mas é falado por Ele. Assim, a teologia negativa ganha forma literária: dizer Deus é também aceitar o fracasso do dizer.

A contribuição de Marianelli (2005) sobre a "verdade dos mitos" em Simone Weil acrescenta outro elemento importante à discussão. O mito, longe de ser ficção, é forma de verdade simbólica, veículo do real inefável. Weil compreende que os mitos religiosos e poéticos não são substitutos da verdade, mas seus espelhos fragmentados. A teopoética, portanto, resgata o mito como linguagem originária da fé, capaz de comunicar o mistério onde o conceito fracassa.

Nesse mesmo sentido, Baccarin (2008), ao examinar *O livro dos prazeres* de Clarice Lispector, identifica na escrita clariciana uma "poética ontológica" — uma busca pela essência do ser através da linguagem erótica e contemplativa. Essa poética do ser coincide com o movimento teopoético: falar de Deus é reencontrar-se com o núcleo ardente da própria existência. A linguagem, então, torna-se sacramento do ser, lugar onde o finito toca o infinito.

Mas se a teopoética é esse espaço de revelação simbólica, ela também é um campo de responsabilidade ética. Ricoeur (*apud* Lorenzon, 2000) recorda que toda palavra é também ação, e toda metáfora é uma escolha de mundo. A linguagem poética pode revelar Deus, mas também pode deformá-lo. Daí a importância de uma hermenêutica da humildade — uma escuta responsável do símbolo. Nesse ponto, a mística da compaixão de Weil se encontra com a hermenêutica ética de Ricoeur: ambas indicam que a palavra verdadeira é aquela que gera comunhão, que edifica o outro e conduz à justiça.

A teopoética, portanto, deve ser compreendida não apenas como método estético ou experiência espiritual individual, mas como **espiritualidade da linguagem comprometida com a alteridade e com o mundo.** Dizer Deus nas entrelinhas é também aprender a reconhecer Sua presença nas margens da história — nos pobres, nos esquecidos, nos que sofrem. Nesse ponto, Bingemer (2013) e Weil (*apud* Bingemer, 2014) convergem na convicção de que a mística autêntica desemboca sempre na ética. A poesia que não se faz compaixão perde seu sentido teológico.

Por fim, a teopoética emerge como uma ponte entre teologia e vida, entre fé e estética, entre silêncio e palavra. Ela convida o teólogo a reaprender a linguagem do assombro, a ler o mundo como texto sagrado e a ouvir Deus nos ruídos sutis da existência. Assim, a teopoética torna-se um caminho de transfiguração — onde o verbo humano se faz sopro divino, e o silêncio torna-se plenitude de sentido.

3 CONCLUSÃO

A teopoética revela-se como uma via de acesso ao mistério que ultrapassa os limites da linguagem teológica e filosófica. Se a teologia busca dizer Deus e a poesia ousa senti-Lo, a teopoética constitui o espaço fecundo onde ambas se entrelaçam, transformando palavra em presença e silêncio em revelação. Nesse sentido, o "habitar de Deus nas entrelinhas" não é metáfora vazia, mas experiência concreta do sagrado que se manifesta no interstício do humano: no verso, no gesto, no olhar, na ausência e na espera.

A teopoética convida a uma escuta amorosa do mundo — uma hermenêutica do sensível e do inefável. Ela nos recorda que Deus não se esgota nos tratados dogmáticos nem nos rituais estabelecidos, mas se insinua nas margens do discurso, nas dobras da linguagem e nas fragilidades da existência. Cada metáfora, cada imagem e cada ritmo podem tornar-se epifania, quando o leitor e o autor se abrem à dimensão simbólica do divino.

Por isso, mais do que um campo de estudo, a teopoética é uma prática espiritual e estética. Ela forma um olhar capaz de ver o sagrado na experiência cotidiana, de ouvir o Verbo entre os ruídos do tempo e de reconhecer a beleza como mediação teológica. Nessa perspectiva, o poeta e o teólogo tornam-se cúmplices: um traduz o mistério em palavra; o outro reconhece na palavra a presença do Mistério.

Em tempos marcados por discursos fragmentados e pela aridez do sentido, a teopoética ressurge como resistência e como esperança. Ela propõe um retorno à interioridade criadora, uma teologia que se faz canto, uma fé que se faz arte. Assim, nas entrelinhas do humano — onde o verbo hesita, mas o coração compreende — habita o Deus que não se impõe, mas se insinua; não se explica, mas se revela; não se cala, mas sussurra: *"Estou aqui, no poema que você lê e no silêncio que o sustenta."*

REFERÊNCIAS

BACCARIN, Maria Cristina. **A poética ontológica de uma aprendiz ou** *O Livro dos Prazeres* **de Clarice Lispector**. ***Estação Literária***, Londrina, v. 2, p. 37-52, 2008.

BINGEMER, Maria Clara. **Teologia e literatura: afinidades e segredos compartilhados**. São Paulo: Paulus, 2013.

BINGEMER, Maria Clara. **Simone Weil: mística da paixão e da compaixão**. Bauru: Edusc, 2014.

CANTARELA, Maria José. **Teopoética: entre o símbolo e o indizível.** São Paulo: Paulus, 2018.

LORENZON, Alceu (org.). **Ética e hermenêutica na obra de Paul Ricoeur**. Londrina: UEL, 2000.

MARIANELLI, Maria. **A verdade dos mitos em Simone Weil**. São Paulo: Edusc, 2005.

MARCENEIRO, Manuel. **Mística e erótica: um ensaio sobre Deus, mística e erótica**. Petrópolis: Vozes, 1996.

NUNES, Benedito. **O drama da linguagem: uma leitura de Clarice Lispector**. São Paulo: Ática, 1989.

PASCHOALINI, Luciana. **Teopoética: uma exploração da intersecção entre teologia e poesia.** Belo Horizonte: Vozes, 2019.

TILLICH, Paul. **Teologia sistemática**. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

VAZ, Henrique Cláudio de Lima. **Fé e linguagem: escritos de filosofia – problemas de fronteira.** São Paulo: Loyola, 1986.